

# O perspectivismo de Nietzsche e a compreensão



*Mauro Araujo de Sousa*

*Doutor em Filosofia pela Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)  
Docente da graduação da Faculdade Cásper Líbero  
E-mail: masousa@casperlibero.edu.br*

**Resumo:** O perspectivismo de Nietzsche aponta para um sem-número de perspectivas, para a multiplicidade de pontos de vista sobre uma mesma coisa, para o alcance de uma melhor compreensão sobre algo e para novas possibilidades interpretativas. O caminho para a compreensão dos aspectos mais relevantes da proposta nietzscheana, neste trabalho, se dá pela via do método de análise e síntese dos conceitos da filosofia de Nietzsche, com o propósito de indicar a viabilização de uma epistemologia compreensiva perspectivada em Comunicação. **Palavras-chave:** Comunicação, a compreensão como método, epistemologia da compreensão perspectivada, Nietzsche.

*El perspectivismo de Nietzsche y la comprensión*

**Resumen:** El perspectivismo de Nietzsche señala para una infinidad de perspectivas, para la multiplicidad de puntos de vista sobre una misma cosa, para el alcance de una mejor comprensión sobre algo y para nuevas posibilidades de interpretación. El camino para la comprensión de los aspectos más relevantes de la propuesta nietzscheana, en este artículo, presentase por medio del método de análisis y síntesis de los conceptos de la filosofía de Nietzsche, con el propósito de indicar la viabilidad de una epistemología comprensiva perspectivada en la Comunicación.

**Palabras clave:** Comunicación, la comprensión como método, epistemología de la comprensión perspectivada, Nietzsche.

*Nietzsche's perspectivism and comprehension*

**Abstract:** Nietzsche's perspectivism points to an infinite amount of perspectives, to the myriad of points of view on the same subject, to the achievement of a better comprehension of something and new possibilities of interpretation. In this essay, the path to a comprehension of the most relevant aspects of Nietzsche's proposal is paved by the analysis and synthesis of the concepts from Nietzsche's philosophy, aiming to stress the viability of a perspectivated comprehensive epistemology of Communication.

**Keywords:** Communication, comprehension as a method, epistemology of perspectivated comprehension, Nietzsche.

Há muito que a ciência vem se fragmentando, o mesmo tendo acontecido com a tecnologia – o que, por sua vez, gera uma hierarquia de áreas no interior da ciência como um todo. A fragmentação foi distanciando as áreas entre si e, dentro de cada uma dessas áreas, as disciplinas umas em relação às outras. Esse processo se aprofundou tanto que hoje aparecem movimentos contrários a essa verdadeira tradição de pensamento, preocupados em rearticular áreas e disciplinas do conhecimento. Um dos exemplos dessa tendência é o que chamamos de interdisciplinaridade.

A busca por diálogo entre as áreas da ciência ou por um diálogo entre as distintas ciências tem se transformado, de fato, em alvo de muitos estudos. O projeto de pesquisa “A compreensão como método” representa um dos esforços mais próximos nesse sentido. É que no bojo dessas divisões entra também o dado da tecnologia, hoje cada vez mais relevante, particularmente no campo das ciências não humanas.

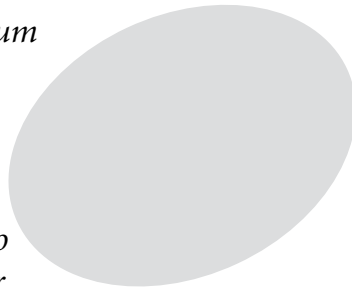
## ● Carência de dialogia

E foi assim que a ciência, no singular, acabou por assumir uma posição absoluta,

desde o movimento conhecido como cientificismo do século XIX – de onde, por consequência, surge o tecnicismo. Hoje, o cientificismo advindo da postura do positivismo de August Comte (1798-1857), somado ao tecnicismo que resulta dessa perspectiva científica, impera. A sociedade se autointitula tecnológica, mas é, na verdade, tecnicista. A fragmentação do saber se instaurou.

Sob esse ponto de vista, o que houve com a filosofia? Ela se tornou “filosofia aplicada”, tendo sido afastada de seu papel eminentemente crítico. Ela assume, por exem-

*Permanecer aberto a um olhar múltiplo, uma amplitude em que, compreensivamente, é possibilitado o aumento da percepção e da potência do olhar*



plo, uma natureza epistemológica, uma vez que, em nosso tempo, a epistemologia só é aceita quando reconhece a importância das ciências e das tecnologias, no sentido antes indicado.

E, nesse contexto sociocultural, a sociedade de modo geral, em todos os seus espaços, se torna cada vez mais carente de diálogo. Não são poucos, porém, os que conseguem sentir e perceber que, sem diálogo e bom senso, em todos os campos do saber e da prática, nosso destino não pode ser outro que a autodestruição.

Essa condição deplorável é vista por muitos como progresso ou avanço científico e tecnológico. Isso constitui um sinal evidente de que, a despeito de tentativas de diálogo, o cientificismo ainda tem força, como tem uma imensa força o tecnicismo, seu “filho”, em detrimento da formação humana e integral do cidadão (Sousa, 2013, p. 67).

É nesse contexto que o perspectivismo de Nietzsche, esse aprender a olhar e a sentir a partir de diferentes perspectivas ou pontos de vista, pode contribuir para a promoção do diálogo entre perspectivas – o que não significa aceitá-las de antemão, sem crítica ou autocrítica. Na percepção de Nietzsche, no caso do perspectivismo, não se trata simplesmente de somar perspectivas. O que se deve fazer, a partir da perspectiva em que o sujeito se encontra, é permanecer aberto a um olhar múltiplo, uma amplitude em que, compreensivamente, o olhar se transforma em olhares diversos, possibilitando, assim, o aumento da percepção e da potência do olhar.

Desse modo, o perspectivismo pode colaborar para a prática da compreensão, sendo inclusive assumido como método da própria compreensão. Nesse caso, uma epistemologia da compreensão desponta no espaço de vivências diferenciadas, e o diálogo epistemológico passa a ser concebido no seio de uma epistemologia da compreensão perspectivada.

### **Perspectivismo e relativismo**

Uma compreensão perspectivada do conhecimento, sob a chave do filósofo de Röcken, portanto, não se dobra ao cientificismo e ao tecnicismo que vigoram desde o século XIX, no qual ele viveu. Por isso, o perspectivismo de Nietzsche tem muito a contribuir para a compreensão como método dialógico. Ele gera uma abertura para a Comunicação enquanto área capaz de agregar e de exercitar o diálogo entre os mais diversos conhecimentos e modos humanos de saber, como a própria ciência com suas infindáveis distinções, a tecnologia, a filosofia, as artes, as experiências do cotidiano etc.

Dentro das condições de tempo e espaço que se oferecem neste texto, o caminho percorrido é o do método de análise e síntese no estudo de conceitos de Nietzsche. O esmiuçamento desses conceitos e a síntese a que se aspira devem reuni-los, no final, numa abordagem da compreensão como método,

resultando daí uma epistemologia da compreensão perspectivada. O método de análise e síntese, que nos auxilia no estudo de algumas das propostas teóricas do filósofo alemão, é eminentemente filosófico.

Não raras vezes, o perspectivismo de Nietzsche é confundido com puro relativismo, do tipo de que nada serve, ou de que nada vale, já que as perspectivas são variáveis. O próprio filósofo alemão, porém, não vê as coisas desse modo. Ele esclarece, em sua *Genealogia da moral* (2002a, p. 108-109),<sup>1</sup> o que entende por perspectivismo:

Devemos afinal, como homens do conhecimento, ser gratos a tais resolutas inversões das perspectivas e valorações costumeiras, com que o espírito, de modo aparentemente sacrílego e inútil, enfureceu-se consigo mesmo por tanto tempo: ver assim diferente, *querer* ver assim diferente, é uma grande disciplina e preparação do intelecto para a sua futura “objetividade” – a qual não é entendida como “observação desinteressada” (um absurdo sem sentido), mas como a faculdade de ter seu pró e seu contra *sob controle* e deles poder dispor: de modo a saber utilizar em prol do conhecimento a *diversidade* de perspectivas e interpretações afetivas.

Os grifos são do próprio Nietzsche. No mesmo trecho, ele convoca os “senhores filósofos”, daí em diante, a se guardarem bem “contra a antiga, perigosa fábula conceitual que estabelece um ‘puro sujeito do conhecimento, isento de vontade, alheio à dor e ao tempo’”. E prossegue:

Guademo-nos dos tentáculos de conceitos contraditórios como “razão pura”, “espiritualidade absoluta”, “conhecimento em si” –

<sup>1</sup> Na importante convenção Colli/Montinari para os estudos da obra de Nietzsche, a *Genealogia da moral: uma polêmica* aparece sob a sigla GM/GM, em que a primeira sigla indica a origem do alemão e a segunda sigla indica a tradução para o português. No caso dessa obra, as siglas são as mesmas, o que, na maioria dos casos (outras obras), não acontece. As referências finais trazem o que essa convenção determina para cada uma das obras de Nietzsche citadas neste texto. Entretanto, aqui, por ser um trabalho destinado à área de Comunicação, optamos por manter a forma tradicional de citação, ou seja, de acordo com as normas da ABNT.

tudo isso pede que se imagine um olho que não pode absolutamente ser imaginado, um olho voltado para nenhuma direção, no qual as forças ativas e interpretativas, as que fazem com que ver seja ver-algo, devem estar imobilizadas, ausentes; exige-se do olho, portanto algo absurdo e sem sentido.

Nietzsche insiste que “existe apenas uma visão perspectiva, apenas um ‘conhecer’ perspectivo”, e conclui dizendo que :

*quanto mais* olhos, diferentes olhos, soubermos utilizar para essa coisa, tanto mais completo será nosso “conceito” dela, nossa “objetividade”. Mas eliminar a vontade inteiramente, suspender os afetos todos sem exceção, supondo que o conseguíssemos: como? – não seria castrar o intelecto? (2002a, p. 108-109).

Como é possível notar, Nietzsche critica a razão metafísica e um sujeito desvinculado de suas vísceras, dos afetos que o atravessam. Não existe, para ele, nada “em si”, pois em tudo que “conhecemos” colocamos os interesses que residem em nós, nossos sentimentos mais íntimos, nossos subterrâneos, para fazer uma alusão a Dostoiévsky em *Memórias do subsolo* (2000).

## ● Pequena e grande razão

Nietzsche questiona o dualismo que sempre imperou na metafísica. Nela, corpo e vontade, com suas pulsões, foram, segundo ele, relegados a um plano inferior em favor de uma “razão pura”. Como se isso fosse possível, argumenta Nietzsche. Como se a razão fosse desvinculada do corpo, sua grande razão (*Große Vernunft*), ele escreve, em *Assim falou Zaratustra* (2003, p. 60).<sup>2</sup>

Isso que denominamos razão não passa, para ele, de um instrumento, algo

<sup>2</sup> *Assim falou Zaratustra* ou *Assim falava Zaratustra*? Em termos da tradução do alemão para o português, *Assim falou (...)* ou *Assim falava (...)*, perfeito ou imperfeito, não implica mudança de sentido do alemão *Also sprach Zaratustra*. São encontradas as duas traduções.

assim como um pequeno brinquedo nas mãos da grande razão, que é o corpo.<sup>3</sup> São forças ativas e interpretativas no corpo que disparam pensamentos e nos induzem a imaginar que somos “senhores de nós mesmos”, “sujeitos” de uma razão ilibada. Não costumamos facilmente admitir que, enquanto “eu”, “razão” e coisas do gênero constituímos pura ficção. Porém, é essa ficção que nos permite expressar em conceitos os nossos conhecimentos.

Ora, o perspectivismo se abre para outras perspectivas, o que não significa, mais uma vez, que toda e qualquer perspectiva seja válida, como não são, por exemplo, sob o ponto de vista de Nietzsche, as perspectivas do antropocentrismo e do “ratiocentrismo”. Já que diálogo implica também problematização, aprender a ver de outra perspectiva não significa abrir mão da própria perspectiva, e nem necessariamente ampliá-la por meio da soma com outras perspectivas.

O que importa, no fundo, é saber que há outras perspectivas, diferentes. Uma nova perspectiva não precisa, no entanto, ser aceita, se se constatar que fere uma vivência. Esta, por sua vez, nada tem de relativa, como se se tratasse de qualquer vivência, um “tanto faz como tanto fez”.

Complementando, o perspectivismo não implica ter que renunciar a algo que se experimentou como necessário para o corpo com suas necessidades vitais, para aquilo que é a vida aqui e agora, a vida terrena, já que qualquer outra vida não passaria de pura especulação. E isso, em Nietzsche, é muito forte. Ele é também um crítico da metafísica que nega o movimento imperioso do devir, o qual sustenta que tudo se transforma constantemente neste nosso planeta. Por isso, os conceitos não devem jamais negar as necessidades do corpo na condição da grande razão de nossa vida.

<sup>3</sup> *Werkzeug deines Leibes ist auch deine kleine Vernunft* (Instrumento do seu corpo é também sua pequena razão), ele escreve (2003, p. 60).

## Além-do-homem

É nesse contexto que o diálogo nem sempre é tranquilo. Na maioria das vezes, não o é. O que não significa que não seja possível. “Trata-se de perceber algo se relacionando com perspectivas diversas até que se forme no observador uma perspectiva mais rica a respeito de um determinado assunto” (Sousa, 2013, p. 73), o que exige um grande esforço. Aprender a tranquilidade na luta é um enorme desafio, enfrentado pelo próprio Nietzsche, como ele deixa transparecer em *A gaia ciência*:

Para o Ano Novo. – Eu ainda vivo, eu ainda penso: ainda tenho de viver, pois ainda tenho de pensar. *Sum, ergo cogito: cogito, ergo sum* [Eu sou, portanto penso: eu penso, portanto sou]. Hoje, cada um se permite expressar o seu mais caro desejo e pensamento: também eu, então, quero dizer o que desejo para mim mesmo [...]. Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas: – assim me tornarei um daqueles que fazem belas as coisas. *Amor fati* [amor ao destino]: seja, este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja *desviar* o olhar! E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim! (2001, p. 187-188).

É muito difícil, para Nietzsche, conviver com o que o contraria, com perspectivas que não lhe dizem respeito, mas o próprio filósofo soube se superar. Não é fácil, também, aceitar sem ser conformista e acolher o que a vida propõe.

Um exemplo: para Nietzsche, nosso corpo é nosso destino e, por isso, não adianta desprezá-lo ou querer outro corpo. É preciso afirmar esse corpo e cuidar dele para que ele tenha forças. É preciso amar esse “destino”. Porém, isso nem de longe representa não desejar de corpo inteiro uma mudança do contexto em que se vive, uma transformação em si e no modo de ver as coisas.

Sendo assim, o que é, então, necessário na vida? A resposta: viver o devir, as transformações, as mudanças de todo tipo, e nisso também se mostra o perspectivismo de Nietzsche, essa marca forte de sua filosofia.

O perspectivismo representa uma necessidade para o próprio crescimento, para o crescimento de toda e qualquer perspectiva que se abre ao perspectivismo vital que a própria existência carrega consigo. Significa entrar em contato com outras perspectivas e aprender a sentir a vida por diversos ângulos, inclusive para percebê-la como própria. Esta, com efeito, é uma perspectiva nada relativa, nada “tagarela”, mas vital e necessária.

Significa, em suma, tornar-se o que se é, o que nos remete ao entendimento do subtítulo da autobiografia do filósofo: *Ecce homo: como alguém se torna o que é*, e que lembra a famosa frase de Píndaro: “Chega a ser o que é”. Chegar a ser o que se é, também, no sentido de tornar-se mais forte, não como um “super-homem” (é importante evitar essa tradução para o conceito de *Übermensch*, largamente utilizado por Nietzsche), mas como um novo homem, um homem que se suplantou. Um “além-do-homem”, numa tradução mais apropriada.

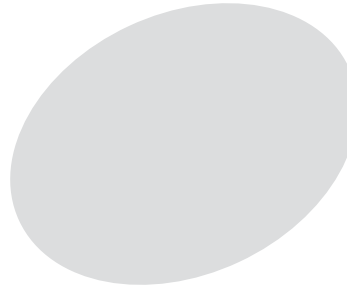
### Epistemologia da compreensão perspectivada

A concepção de uma teoria do conhecimento na linha de uma compreensão perspectivada revela-se já no fato de que a própria compreensão como método estabelece a comunicação entre as perspectivas do conhecer. Isso faz do perspectivismo uma aprendizagem que consiste em ver por meio de múltiplos olhares. Ou, ainda, a experiência de se ter vivenciado situações nas quais, mesmo frente ao niilismo – essa ausência total de sentido em tudo e para tudo –, se torna possível uma epistemologia que remeta ao olhar perspectivista, um ver para além de si próprio.

Uma epistemologia da compreensão perspectivada, isto é, da teoria do conhecimento sob

a chave do perspectivismo (...) de Nietzsche e no “coração” da compreensão como método, solicita e exige constantemente um abrir-se a novas experiências.

O ato de compreender toma, assim, outro rumo. Ele se torna um caminho sem o qual as perspectivas não se efetivam enquanto diálogo, tanto em relação a um tipo humano específico como a inúmeros tipos humanos. Todos esses tipos humanos não passam, por



*A própria compreensão como método estabelece a comunicação entre as perspectivas do conhecer; uma aprendizagem que consiste em ver por múltiplos olhares*

sua vez, de configurações estabelecidas por relações de forças no seio de um movimento vital, vistos a partir da teoria das forças (*Theorie der Kräfte*) de Nietzsche.

E se Nietzsche não trabalha com a concepção de “sujeito” (não há em sua filosofia, como adiantamos, um lugar para o antropocentrismo e nem para o “ratiocentrismo”, isto é, a razão no centro) e estamos tratando de uma epistemologia perspectivada, o que dizer a respeito do que denominamos interpretações (*Interpretationen*)?

Não se trata de algo simples lidar com as questões que a interpretação levanta. Primeiro porque não é fácil acrescentarmos outras perspectivas ao nosso modo de ver as coisas e de conceber o que o próprio ato de interpretar significa. Não é fácil, também, pensarmos o perspectivismo como uma maneira de entender toda e qualquer perspectiva como interpretação e, muitas vezes, a diversidade de tipos de relações entre as perspectivas que povoam as nossas próprias relações.

Querer interpretar é querer se efetivar, fazer-se presente, marcar posição, aparecer no mundo. E o tipo humano precisa perceber que isso acontece com ele, dentro e fora dele, e que, *quando está interpretando algo, como, por exemplo, um texto, está atuando como uma configuração ampla de forças*. Portanto, não é simplesmente “um sujeito” quem interpreta, como se entende tradicionalmente o ato interpretativo.

*O perspectivismo leva o humano a uma abertura do seu leque de interpretações sobre o seu viver e suas relações com os outros e com o mundo*



### **O corpo pensa**

O perspectivismo de Nietzsche ofereceu-nos, mais ainda nos tempos atuais, condições de refletirmos sobre como a sociedade se organiza. Estamos, de muitas formas, proibidos de pensar e impedidos, assim, de alcançar uma visão mais ampliada e, por consequência, mais “objetiva” das coisas e das próprias relações sociais. Isso repercute na universidade, lá onde uma visão míope de ciência domina os territórios do conhecimento. Aliás, conhecimentos tão fragmentados e incapazes de dialogar e de se comunicar entre si, que acabam consolidando o cientificismo dominante em amplos espaços acadêmicos.

Nesse sentido, e ao contrário do que muitos pensam a respeito de Nietzsche, ele estava muito atento ao que acontecia na sociedade. Esta, segundo ele, criou um valor para o trabalho e, inclusive, uma justificativa “religiosa” para arrancar do tipo humano a ele submetido, sob o jugo da indústria e do mercado e em nome do trabalho, toda a sua energia, seu pensar e o cuidado de si. Além

disso, estreitou a visão perspectivista no humano, reduzindo-o à condição de cego, ou quase cego, e, quem sabe?, tornando-o cego em relação a si e aos outros, em relação às coisas e, sobretudo, em relação ao que é vital, ao que fortalece a vida.

O exemplo a seguir mostra o quanto Nietzsche estava atento às questões que envolvem o trabalho humano e a como esse trabalho é aplicado e exercido, de modo pernicioso. Lendo sua época, ele trata do que chama de “atividade maquinal”:

Está fora de dúvida que através dela [*a atividade maquinal*] uma existência sofredora é aliviada num grau considerável: a este fato chama-se atualmente, de modo algo desonesto, “a benção do trabalho”. O alívio consiste em que o interesse do sofredor é inteiramente desviado do sofrimento – em que a consciência é permanentemente tomada por um afazer seguido do outro, e em consequência resta pouco espaço para o sofrimento [*para se entender o sofrimento*]: pois ela é *pequena*, esta câmara da consciência humana! A atividade maquinal e o que é próprio – a absoluta regularidade, a obediência pontual e impensada, o modo de vida fixado uma vez por todas, o preenchimento do tempo, uma certa permissão, *mesmo educação para a “impessoalidade”, para o esquecimento de si, para a “incuria sui”* [...] (2002a, p. 123-124. Acréscimos e, aqui, grifo meu).

Como podemos tratar de teoria do conhecimento nos moldes de uma epistemologia da compreensão perspectivada sob condições que permitem uma “educação para a impessoalidade”, uma falta de cuidado de si, ou em que faltará ao tipo humano o cultivo do próprio caráter, sua autenticidade vital, chegando este a cair no abismo do esquecimento de si?

Que tipo de educação é essa que faz definhando as forças humanas, alterando as relações das forças que, segundo a teoria das forças de Nietzsche, configuram o tipo humano, já que o mundo não é outra coisa do que vontade de

potência (*Der Wille zur Macht*)<sup>4</sup> Uma educação com base em um saber nietzschiano possibilita uma *episteme* perspectivada. Dá para imaginar como é forte a decadência promovida pelo cientificismo nos dias atuais.

Não podemos esquecer o que somos para Nietzsche. Caso contrário, todo esse trabalho por compreensão sob a ótica de seu perspectivismo acaba por se tornar “um grande em vão”. Ele escreve, em *Além do bem e do mal*:

[...] nosso corpo é apenas uma estrutura social de muitas almas – à sua sensação de prazer como aquele que ordena. *L'effect c'est moi* [o efeito sou eu]: ocorre aqui o mesmo que em toda comunidade bem construída e feliz, a classe regente se identifica com os êxitos da comunidade. Em todo querer a questão é simplesmente mandar e obedecer, sobre a base, como disse, de uma estrutura social de muitas “almas”: razão por que um filósofo deve se arrogar o direito de situar o querer em si no âmbito da moral – moral, entenda-se, como a teoria das relações de dominação sob as quais se origina o fenômeno “vida” (1998, p.25).

Não há um “eu”, uma “alma” (*Seele*), mas muitas. “Almas” no corpo (*Leib*) todo. E o que seria a “alma” na perspectiva da razão humana? Um centro de forças, de comando, sobre outros centros de forças espalhados pelo corpo. No “comando”, o humano tem, de repente, a impressão de que seus pensamentos fazem dele um ser racional, e que existe então um “eu”, uma “alma”.

Com essa sensação de que somos um “eu”, traçamos juízos. Há uma valoração de tudo, como fruto de avaliações que fizemos e fazemos constantemente. Mas o “eu”, a “alma”, o “sujeito” é uma espécie de “efeito”, um acaso do corpo, dos impulsos desse corpo (*Triebe*, que é, antes de tudo, *Triebkräfte*, impulso / pulsão / instinto – *Instinkt* – como forças). Dessa forma, o corpo todo pensa.

<sup>4</sup> *Der Wille zur Macht*, vontade para o poder ou vontade de poder. Nietzsche não usou *Potenzwille* (vontade de potência), mas esta acabou por se tornar a tradução majoritária.

## ● Forças, energias interpretam

Tudo isso nos remete novamente à questão da interpretação. E, se quisermos tratar de interpretações sob o ponto de vista de uma epistemologia da compreensão perspectivada, encontra-se aqui o desafio de se olhar também sob a perspectiva de Nietzsche. A proposta de um diálogo com a interpretação dele.

E não esqueçamos que a própria “estrutura social de muitas almas” (“*Gesellschaftsbau vieler Seelen*”) é um campo de batalhas. A própria “estrutura” se manifesta como um conjunto de movimentos, de lutas. A qualquer momento a estrutura pode ruir. Porque, para Nietzsche, o mundo não é outra coisa que vontade de potência (1998, p. 43). Nada mais. A interpretação se dá em meio a relações de forças. Trata-se de energias interpretando.

A vontade voltada para o poder *interpreta*: na formação de um órgão trata-se de uma interpretação: delimita, determina graus, diferenças de poder. Meras diferenças de poder ainda não poderiam perceber a si mesmas como tais: é preciso haver aí um algo-que-quer-crescer, o qual interpreta todo e qualquer outro-que-queira-crescer segundo o seu valor. Iguais *nisso* – *Interpretação é ela mesma*, na verdade, *um meio de se apoderar de algo* (*O processo orgânico pressupõe permanente interpretar*) (2002b, p.159. Os grifos são do próprio Nietzsche e do tradutor Flávio Kothe).

Por uma “janela”, um olhar, e por outra, outro olhar... e assim por diante. Eis o desafio de uma epistemologia da compreensão perspectivada, da junção entre o perspectivismo nietzschiano e a compreensão como método nos espaços da área da Comunicação. Como sempre, sob a perspectiva nietzschiana, está se falando de possibilidades... de desafios.

Ver o conhecimento como vontade de potência pode não ser um exercício acadêmico tão fácil... E, escreve Nietzsche, “não se deve perguntar ‘quem, afinal, está interpretando’, porém a própria interpretação, como uma

forma de vontade de potência, tem existência como um afeto (mas não como um ‘ser’, e sim como um *processo*, um *devir*)” (2002b, p. 159-160).

Novamente, estamos às voltas com a questão do devir, marca de uma filosofia de tipo dionísíaco, o que quer dizer: do devir, do eterno devir a que se está sujeito. E se a filosofia de Nietzsche é uma filosofia do devir, ela não age, como acontece na maior parte da tradição filosófica, como uma filosofia do ser.

Interpretar, portanto, é também movimento, devir, transformação, mudança de sentido. Isso deve ser incluído na concepção de uma teoria do conhecimento com base na ideia da compreensão enquanto método de diálogo.

### Considerações finais

Voltemos, para finalizar, ao tema da compreensão como método de diálogo e, particularmente no mundo acadêmico, do discurso dialogal entre as áreas do conhecimento e das diversas ciências e disciplinas entre si. Parece oportuno considerar o perspectivismo de Nietzsche como efetivação desse diálogo. Com efeito, o perspectivismo

nietzschiano aponta para uma ampliação da visão de mundo. Propõe uma aprendizagem sobre como enxergar esse mundo a partir de diversas perspectivas, alcançando desse modo uma compreensão melhor da própria compreensão em cada perspectiva.

O perspectivismo, portanto, leva o humano a uma abertura do seu leque de interpretações sobre o seu viver e sobre as suas relações com os outros e com o mundo. O perspectivismo não encarcera a visão, o sentir. Ele torna crítica uma pessoa, não permitindo que ela permaneça fechada em sua própria perspectiva.

Daí podermos afirmar e confirmar o enlace entre compreensão e perspectivismo. Mais ainda, podemos considerar, inclusive para futuras e novas discussões acadêmicas, a pertinência do perspectivismo de Nietzsche para uma reflexão sobre a própria teoria do conhecimento.

Sem contar que outras discussões, por exemplo sobre a relação entre sujeito e objeto, na pesquisa filosófica e científica, podem ser reconsideradas sob a ótica do conhecimento enquanto afeto. Isso tudo deixa este texto inconcluso, porém prospectivo.

(artigo recebido jun.2016/aprovado set.2016)

### Referências

- DOSTOIEVSKI, F. **Memórias do subsolo**. Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2000.
- NIETZSCHE, F. W. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Trad.: Mário da Silva. 12. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003. Convenção Colli/Montinari: *Za/ZA*.
- NIETZSCHE, F. W. **Genealogia da moral**: uma polêmica. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2002a. Convenção Colli/Montinari: *GM/GM*.
- NIETZSCHE, F. W. **Fragmentos finais**. Brasília-DF/São Paulo-SP: Editora Universidade de Brasília/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002b. (Organização de Flávio Kothe).
- NIETZSCHE, F. W. **A gaia ciência**. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Convenção Colli/Montinari: *FW/GC*.
- NIETZSCHE, F. W. **Além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. 2. ed. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Convenção Colli/Montinari: *JGB/BM*.
- NIETZSCHE, F. W. **Ecce homo**: cómo se llega a ser lo que se es. Trad.: Andrés Sánchez Pascual. 9. ed. Madrid: Alianza Editorial, 1985 (Clásicos: El Libro de Bolsillo).
- SOUSA, M. A. **Nietzsche**: para uma crítica à ciência. São Paulo: Paulus, 2011 (Coleção Filosofia em Questão).
- SOUSA, M. A. O perspectivismo nietzschiano e sua aplicação no ensino tecnológico. **Communicare**: Revista do Centro Interdisciplinar de Pesquisa da Faculdade Cásper Líbero, v. 13, n. 2, p. 65-78, 2013.